

## Diálogo entre Saberes: Integrando a Pedagogia Histórico-Crítica e Educação Popular como possibilidade de transformação social

Milena Mendonça da Silva <sup>1</sup>  
Francijane Lima dos Santos. <sup>2</sup>  
Juliana Silva dos Santos <sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo visa aprofundar a análise da interseção entre a Educação Popular e a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), delineando suas semelhanças e diferenças fundamentais. A pesquisa adota uma abordagem bibliográfica, embasada nos estudos conduzidos na disciplina "Tópicos em Políticas Educacionais: Pedagogias Críticas", oferecida pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Com enfoque na obra de Dermeval Saviani e a PHC, a qual serviu como motivação para a elaboração deste trabalho, bem como textos que abordam a Educação Popular. O estudo identificou pontos de convergência entre ambas as abordagens, reconhecendo o potencial colaborativo para a emancipação das camadas populares por meio da educação. Os resultados obtidos destacam a importância de uma abordagem educacional dinâmica e integrada, que valorize tanto os saberes populares quanto os eruditos, contribuindo para uma compreensão mais abrangente da realidade e fomentando a justiça social. A colaboração entre a PHC e a Educação Popular, além de respeitar suas particularidades, reconhece a possibilidade de colaboração para o desenvolvimento de práticas educacionais mais eficazes e socialmente pertinentes. Essa articulação não apenas promove uma educação mais inclusiva, mas também alimenta uma visão crítica e transformadora do papel da educação na sociedade. Ao integrar elementos dessas duas perspectivas, é possível potencializar os esforços para a construção de um ambiente educacional mais democrático e emancipatório.

**Palavras-chave:** Pedagogia Histórico-Crítica, Educação Popular, Transformação Social, Emancipação.

### INTRODUÇÃO

Num contexto em que as estruturas sociais muitas vezes reproduzem desigualdades e marginalização, a Educação Popular e a Pedagogia Histórico-Crítica emergem como abordagens pedagógicas que buscam transformar realidades por meio do empoderamento e da conscientização. Dito isso, o presente artigo se propõe a explorar a interseção entre essas duas correntes, elencando alguns distanciamentos e aproximações entre elas.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mendoncamilena1@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestranda em Educação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, francyjane.lima@gmail.com;

<sup>3</sup> Especialista em Educação Profissional e Tecnológica - IFES, juslvnascimento@gmail.com.



Dermeval Saviani, um dos principais teóricos da Pedagogia Histórico-Crítica, desenvolveu uma abordagem que visa superar a visão tradicional da educação, centrando-se na compreensão das contradições sociais e na transformação da realidade por meio da práxis educativa, focando no saber sistematizado. Ao passo que a Educação Popular surge como um movimento que reconhece e valoriza os saberes construídos nas experiências cotidianas das camadas populares, buscando uma educação libertadora e contextualizada.

Nesse sentido, a integração entre o saber popular e o saber sistematizado não ocorre sem alguns embates. Uma das principais questões discutidas está relacionada à hierarquia entre esses dois tipos de conhecimento. A crítica foca sobre a tendência de desvalorização do saber popular em favor do saber acadêmico, levantando questionamentos sobre como promover uma educação que reconheça a diversidade de saberes sem reproduzir relações de poder.

Outro ponto corriqueiramente elencado diz respeito à metodologia de ensino adotada pela Pedagogia Histórico-Crítica, que propõe uma práxis educativa dialética e crítica, mas que é muitas vezes taxada como conteudista e tradicional. A aplicação dessa abordagem na Educação Popular provoca debates sobre a viabilidade e eficácia de uma pedagogia que busca superar as estruturas opressivas, considerando as peculiaridades dos contextos populares e as necessidades específicas dos educandos.

Diante de algumas controvérsias, torna-se importante a reflexão sobre como a Educação Popular e a Pedagogia Histórico-Crítica podem colaborar para a construção de um processo educativo verdadeiramente emancipatório, que reconheça, respeite e potencialize os saberes populares, ao mesmo tempo em que promova uma transformação social profunda e duradoura. Com isso, pretende-se, neste artigo, contribuir para o entendimento dessas dinâmicas, proporcionando subsídios para a reflexão crítica e o aprimoramento contínuo das práticas educativas.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa adotou uma abordagem bibliográfica de modo a elaborar reflexões entre a Educação Popular e a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). A base teórica foi construída a partir dos estudos realizados na disciplina "Tópicos em Políticas Educacionais: Pedagogias Críticas" oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo como trabalho final o presente estudo.

A escolha desta disciplina como ponto de partida se justifica pela relevância do conteúdo programático, que abordou de maneira aprofundada as teorias pedagógicas críticas,



com destaque para a PHC e seus desdobramentos. Ao longo da disciplina, diversas inquietações foram debatidas, destacando-se as discussões acerca das potencialidades e limitações da Pedagogia Histórico-Crítica e sua relação com a Educação Popular. As reflexões durante as aulas e os debates entre os participantes do curso foram essenciais para a identificação das nuances que permeiam a integração dessas abordagens.

Nesse sentido, o interesse em aprofundar a compreensão sobre como a PHC não é inteiramente diferente da Educação Popular surgiu da percepção de que ambas compartilham fundamentos filosóficos e políticos semelhantes, apesar das diferenças aparentes. A investigação partiu da premissa de que a PHC, ao reconhecer as contradições sociais e propor uma educação voltada para a transformação da realidade, pode encontrar convergências com os princípios da Educação Popular, que valoriza os saberes populares e busca uma prática educativa contextualizada e libertadora.

O levantamento bibliográfico foi conduzido por meio de pesquisa em obras fundamentais de Dermeval Saviani, autor central da PHC, assim como em textos que abordam a Educação Popular, os quais proporcionaram um embasamento teórico consistente para a análise crítica. A seleção de referências também contemplou autores contemporâneos que dialogam com essas perspectivas. A análise dos dados levantados seguiu uma abordagem qualitativa, identificando pontos de convergência e divergência entre a PHC e a Educação Popular.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A pedagogia histórico-crítica (PHC) é concebida por seu criador, Dermeval Saviani (1991) como sinônimo de pedagogia dialética, mas denominação essa que só foi preferida a partir de 1984, já que "pedagogia dialética" se mostrava genérica e sujeita a interpretações variadas. Enquanto algumas abordagens idealistas da dialética se distanciam do processo histórico real, a PHC busca captar o movimento objetivo da realidade histórica. A expressão "pedagogia dialética" é por vezes confundida com o simples diálogo ou troca de ideias, o que reforça a necessidade de uma terminologia mais precisa e que desperte curiosidade para esclarecer seu real significado, como ocorre com a pedagogia histórico-crítica.

A (PHC) surge em meio ao contexto de crise das teorias educacionais tradicionais, como a Escola Nova, que predominaram no Brasil até a década de 1960 que, sendo influente até então, enfrentava uma crise com a ascensão da pedagogia tecnicista, promovida pelo regime militar a partir de 1969, com foco na formação de técnicos, profissionalização e eficiência. Nesse



cenário, a PHC emerge como uma resposta crítica tanto ao escolanovismo quanto ao tecnicismo, propondo uma educação que não apenas valorize aspectos metodológicos, mas que também se comprometa com a transformação social, captando o movimento histórico e a realidade objetiva.

Já o Movimento de Educação Popular no Brasil teve início em 1945, em um contexto de crescente industrialização e urbanização, marcado por desafios políticos e econômicos. Na década de 1950, a esquerda brasileira, aliada a movimentos populares e lideranças políticas progressistas, articulou-se em prol de uma educação pública, gratuita e de qualidade. A partir dos anos 1960, o movimento se intensificou com campanhas de alfabetização e a expansão de escolas primárias, além de iniciativas culturais voltadas à conscientização política das massas populares. Nesse contexto, Paulo Freire, com sua proposta de Educação Libertadora, trouxe uma nova perspectiva para a educação brasileira, enfatizando a conscientização como meio de libertação da opressão (Colesel; Lima, 2010).

Nesse sentido, a EP, fundamentada na ideia de participação ativa, diálogo e respeito às vivências dos educandos, busca criar um ambiente educacional que transcenda as barreiras tradicionais e promova a democratização do conhecimento. Em paralelo, a Pedagogia Histórico-Crítica, inspirada nas obras de Dermeval Saviani e outros educadores críticos, propõe uma abordagem que não apenas transmite informações, mas também questiona e desafia as estruturas sociais e educacionais existentes. Essas duas correntes, ao se unirem, proporcionam uma base pedagógica que não só instrui, mas também estimula a reflexão crítica e a participação ativa dos educandos na construção de seu próprio conhecimento.

Ambas as pedagogias se colocam na perspectiva dos interesses da maioria da população entendendo a educação como instrumento para libertar os trabalhadores da dominação e opressão a que estão submetidos na sociedade atual. Assim sendo, ambas consideram que cabe à educação conscientizar as camadas populares para torná-las senhoras do próprio destino atuando para transformar a sociedade fazendo valer seus interesses e o atendimento de suas necessidades (Saviani, 2021, p. 171).

Essa visão comum reflete o entendimento de que a educação tem o potencial não apenas de transmitir conhecimentos, mas também de conscientizar as camadas populares sobre sua realidade e papel na sociedade. A concepção de que a educação deve libertar os trabalhadores da dominação e opressão destaca a dimensão política dessas pedagogias. Ambas reconhecem a educação como um meio de capacitar as pessoas a compreenderem as estruturas sociais que as envolvem, promovendo uma consciência crítica em relação às injustiças e desigualdades presentes na sociedade contemporânea. “A pedagogia revolucionária é crítica. E, por ser crítica,



sabe-se condicionada. Longe de entender a educação como determinante principal das transformações sociais, reconhece ser ela elemento secundário e determinado” (Saviani, 2018, p. 117).

Para Brandão (2016) a educação popular é a negação da negação. Não se trata meramente de um "método conscientizador", mas sim de uma abordagem que abrange a cultura, elevando a consciência de classe a um indicador de orientação. “A educação popular sempre buscou conhecer e valorizar as culturas e os saberes populares como expressões do protagonismo das classes populares na produção da Cultura, da História, da Arte e da Ciência.” (Onofre; Fernandes, Godinho, 2019, p. 467)

Isso implica na rejeição da ideia de que a educação direcionada para as camadas menos privilegiadas da sociedade serve como um meio de compensação para legitimar e reciclar a necessidade política de manter pessoas, famílias, grupos, comunidades e movimentos populares afastados de uma educação verdadeiramente substancial. O seu propósito não é meramente enfatizar a possibilidade de uma nova educação emergir "para o povo" - o que resultaria na legitimação da existência de "duas educações" paralelas, perpetuando a desigualdade estabelecida - mas sim de destacar a imprescindibilidade da utopia que envolve a transformação completa do projeto educacional a partir da perspectiva popular e do trabalho de classe das camadas populares (Brandão, 2016).

No interior de uma sociedade que divide o trabalho e poder, e que faz de tal divisão, a condição de sua ordem e a base de outras tantas divisões, o sistema de educação escolar acompanha, ao lado de outros, processos e práticas sociais de reprodução, controle e manipulação da própria desigualdade (Brandão, 2016, p. 43).

Esse entendimento de a escola ser um aparelho reprodutor à serviço do Estado foi formulada por Althusser (2023), ao defender a tese de que após o “declínio” do aparelho ideológico dominante anterior – a igreja –, o aparelho ideológico escolar surge como forte aliado do Estado para reproduzir as estruturas capitalistas vigentes. Essa realidade é latente ao verificar que, através da escola, são repassados ensinamentos, valores, modos de comportamento, conteúdos pertinentes à uma determinada classe etc. E esses ensinamentos, de modo quase que imperceptível, contribuem para essa reprodução.

No entanto, mesmo compreendendo esse entendimento, para Saviani, também se postula que a educação pode se apresentar como um agente para uma utopia de libertação. Althusser (2023), ao negligenciar a capacidade da educação de ser um agente de transformação social, tende a não considerar a complexidade das interações entre educação e sociedade. Ao



reconhecer a dialética entre esses dois elementos, como proposto por Saviani, é possível entender melhor como a educação pode ser tanto um reflexo quanto um motor de mudança na sociedade. Essa abordagem permite uma análise mais ampla e dinâmica das relações entre educação, estrutura social e transformação social.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A partir do levantamento teórico realizado no tópico anterior, compreende-se que tanto a Educação Popular, quanto a PHC podem contribuir nesse processo de conscientização e emancipação das camadas populares, quando articuladas. Essa contribuição não se restringe apenas aos saberes adquiridos no contexto popular, mas também engloba os conhecimentos sistematizados. Ambos tipos de saberes representam um papel essencial na formação de uma consciência crítica e na busca por transformações sociais significativas. Por isso, reconhecer e valorizar essas diversas formas de conhecimento é fundamental para uma prática educativa comprometida com a emancipação das camadas populares e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Dessa forma, considerar que a Educação Popular e a PHC são concepções opostas apresenta-se um ponto de vista um tanto ingênuo, uma vez que o saber popular é tão importante quanto o saber sistematizado, sobretudo quando tratamos das lutas da classe trabalhadora. Com isso, compreende-se que essa classe deve, sim, se apropriar do saber sistematizado, dito erudito, para que conseqüentemente esta encontre meios para seu entendimento de mundo e sua posterior libertação. E a partir dessa apropriação, a classe trabalhadora passa a ter mecanismos suficientes para sistematizar e expressar o saber popular.

No entanto, essa apropriação não deve significar uma subjugação aos paradigmas dominantes, mas sim uma utilização crítica e emancipatória desse conhecimento. Como bem enfatiza Souza (1998, p. 24), “o pensamento científico e o pensamento popular são antinômicos, têm contradições entre si, mas não são dicotômicos como se quis fazer crer”. Assim, a integração entre o saber popular e o saber sistematizado capacita a classe trabalhadora a desenvolver mecanismos próprios de sistematização e expressão, fortalecendo seu poder de transformação social. Essa complementaridade entre Educação Popular e PHC não apenas desafia essas falsas visões dicotômicas, mas também amplia o repertório de ferramentas para a emancipação das camadas populares.

Saviani (1991) também aponta que essa dicotomia entre saber erudito como dominação e o saber popular como forma de libertação é falsa. “Nem o saber erudito é puramente burguês,



dominante, nem a cultura popular é puramente popular. A cultura popular incorpora elementos da ideologia e da cultura dominantes que, ao se converterem em senso comum, penetram nas massas” (Saviani, 1991, p. 69).

Por isso, é fundamental desconstruir a dicotomia simplista entre saber erudito e saber popular como formas exclusivas de dominação e libertação, respectivamente. Ele argumenta que essa visão é demasiadamente simplificada, uma vez que tanto o saber erudito quanto a cultura popular são permeados por elementos da ideologia e da cultura dominantes.

As dicotomias criadas, historicamente, entre as expressões acadêmico/profissional e popular/espontânea do pensamento têm, nos processos de EP, um *locus* privilegiado para sua superação, pela construção de um novo saber que integre as positivities das formas anteriores (científica e popular). Estes confrontos originam formas de representações sociais diferentes, ou seja, um novo saber. (Souza, 1998, p. 23)

Essa análise de Saviani ressalta a complexidade das relações entre saberes e culturas, enfatizando a necessidade de uma abordagem mais ampla e contextualizada. Ao reconhecer que tanto o saber erudito quanto o saber popular são permeados por diferentes influências e significados, é possível evitar visões simplistas e ideologicamente carregadas, abrindo espaço para uma compreensão mais plural e inclusiva da educação e da cultura.

É necessário conferir uma roupagem erudita ao conhecimento popular, estimulando sua apropriação da cultura frequentemente rotulada como burguesa. Essa caracterização, muitas vezes conveniente, é, na verdade, utilizada para afastar as camadas populares desses saberes. A abordagem proposta visa orientar esse processo, apontando direções para a superação de preconceitos, fetichismos e idolatrias.

Entretanto, longe de pensar, como o faz a concepção crítico-reprodutivista, que a educação é determinada unidirecionalmente pela estrutura social dissolvendo-se a sua especificidade, entende que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade. Nesse sentido, ainda que elemento determinado, não deixa de influenciar o elemento determinante. Ainda que secundário, nem por isso deixa de ser instrumento importante e por vezes decisivo no processo de transformação da sociedade. (Saviani, 2018, p. 117).

Ao reconhecer a educação como um instrumento importante e, por vezes, decisivo no processo de transformação da sociedade, podemos perceber que ela desempenha um papel significativo na valorização e integração do saber erudito e popular. Essa interrelação dinâmica contribui para uma abordagem mais inclusiva e democrática do conhecimento, reconhecendo a diversidade de saberes e promovendo uma educação que esteja verdadeiramente comprometida com a emancipação e a transformação social. “A aprendizagem se faz, portanto, num processo



de confronto de saberes que se dá na transformação das necessidades populares em demandas sociais e no qual se elaboram propostas para sua satisfação” (Souza, 1998, p. 23).

Em síntese, embora a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e a Educação Popular possuam abordagens distintas, é possível identificar áreas de convergência que permitem uma coexistência e complementaridade eficaz entre ambas. A PHC, ao enfatizar a compreensão crítica da realidade social e a transformação da sociedade por meio da educação, e a Educação Popular, ao valorizar os saberes populares e buscar uma prática educativa contextualizada e libertadora, podem colaborar de maneira enriquecedora. Ambas as perspectivas compartilham o compromisso com a emancipação das camadas populares, reconhecendo na educação um instrumento fundamental para conscientização, empoderamento e participação ativa na construção de uma sociedade mais justa. Ao considerar que a educação é determinada pela sociedade, mas também exerce influência sobre ela, abre-se espaço para a interação entre saberes eruditos e populares, promovendo uma abordagem mais inclusiva e dialógica.

A ideia é que a PHC pode contribuir para a educação popular ao oferecer ferramentas teóricas sólidas e uma compreensão crítica das estruturas sociais, enquanto a Educação Popular enriquece a PHC ao trazer uma perspectiva mais próxima das experiências cotidianas das camadas populares, valorizando seus saberes e promovendo uma práxis educativa mais contextualizada.

Portanto, a colaboração entre a PHC e a Educação Popular, apesar de suas diferenças, pode resultar em uma abordagem educacional mais abrangente, capaz de integrar o melhor de ambas as perspectivas. Essa união pode potencializar a capacidade da educação de ser um agente efetivo de transformação social, respeitando e valorizando a diversidade de saberes e contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por fim, destaca-se a riqueza potencial da colaboração entre a Pedagogia Histórico-Crítica (PHC) e a Educação Popular, reconhecendo que, embora possuam abordagens distintas, ambas compartilham a aspiração de emancipação das camadas populares por meio da educação. A PHC, ao oferecer uma análise crítica das estruturas sociais e propor uma educação transformadora, e a Educação Popular, ao valorizar os saberes populares e contextualizar a práxis educativa, podem convergir de maneira sinérgica.

A compreensão de que a educação se relaciona dialeticamente com a sociedade, influenciando e sendo influenciada, destaca a necessidade de uma abordagem mais dinâmica e



integrada. A valorização dos saberes populares, aliada à construção de uma base teórica sólida, pode criar um ambiente educacional mais inclusivo e relevante para as demandas das camadas populares. A interação entre saberes eruditos e populares não apenas enriquece a prática educativa, mas também contribui para superar preconceitos e desigualdades, promovendo uma compreensão mais completa e plural da realidade.

Ao reconhecer que a educação é um instrumento crucial no processo de transformação social, as abordagens da PHC e da Educação Popular se complementam, proporcionando uma visão mais holística e comprometida com a justiça social. Dessa forma, as considerações finais apontam para a possibilidade de uma educação que, ao integrar as contribuições dessas correntes pedagógicas, esteja mais apta a cumprir seu papel na formação de cidadãos conscientes, críticos e participativos. A colaboração entre a PHC e a Educação Popular não apenas respeita suas diferenças, mas também reconhece o potencial de sinergia para a construção de práticas educacionais mais eficazes e socialmente relevantes. Ao adotar essa abordagem integradora, a educação pode se tornar verdadeiramente um agente de transformação, promovendo a equidade e a justiça social.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** 1ª ed. Editora Brasiliense, 2016.
- COLESEL, Alessadra; LIMA, Michelle Fernandes. **O movimento da educação popular nas décadas de 1950 e 1960**. Educação e Prática Pedagógica (Anais), 2010.
- ONOFRE, E. M. C.; FERNANDES, J. R.; GODINHO, A. C. F. A EJA em contextos de privação de liberdade: desafios e brechas à Educação Popular. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 465-474, set./dez. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/33770/19256>. Acesso em 28 de julho de 2023.
- SAVIANI, Dermeval. **escola e democracia**. 43ª edição. Campinas: Autores Associados, 2018.
- SAVIANI, Dermeval. Pedagogia Histórico-crítica e Pedagogia da Libertação: aproximações e distanciamentos. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 13, n. 3, p. 170-176, dez. 2021
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica**. 1ª ed. Campinas: Autores Associados, 1991.



SOUZA, João Francisco de. Educação Popular para o terceiro milênio - desafios e perspectivas. In: COSTA, Marisa Vorraber. **Educação Popular Hoje**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1998.